



A EXISTÊNCIA E A INDIVIDUALIDADE: COMO AGIR MORALMENTE OU PERANTE A LEI DIVINA NO PENSAMENTO DE KIERKEGAARD

Celso Jochua Tsambi*

Resumo: No pensamento de Sören A. Kierkegaard busca-se compreender a existência humana e sobre como se constrói dentro da sociedade. Em seguida, desenrola o discurso dele sobre como o homem chega a se desesperar no mundo. Esse desespero fundamenta-se num indivíduo que não consegue buscar ou construir o próprio eu, porém essa existência de cada indivíduo não é algo pronto ou acabado, mas é um processo, algo a ser desenvolvido. A responsabilidade é vista como o único caminho de salvação ou para a edificação humana. Esse caminho da salvação é o da descoberta do meu eu, ao qual nos libertará do desespero. O desespero vem do exterior e que destrói a edificação do eu. Se o indivíduo é responsável pela sua formação, como ele deve agir segundo a moral (geral) ou pela religiosidade? Kierkegaard mostra o exemplo concreto de Abraão que recebe o anúncio de Deus para sacrificar o filho Isaac, mostra que agindo moralmente nesse caso, Abraão é considerado como assassino ou criminoso e, de outro lado, ele mostra o quanto obediente é diante de Deus, isto é, agiu pela fé para ganhar a comunidade, mas isso só pela graça divina.

Palavra-chave: Kierkegaard. Existência. Individualidade. Moral

Introdução

Nascido em 5 de maio 1813, em Copenhague, filho do casal: Michael Pedersen Kierkegaard e de Anne Srensdatter. Os pais eram agricultores da Jutlândia ocidental que se mudaram para Copenhague, onde trabalharam como comerciantes de lã. Entretanto, o pai de Kierkegaard insistia no aprendizado duro do latim e do grego e colocou no filho uma devoção petista¹ atormentada pela ansiedade. Kierkegaard passou uma vida imaginativa porque seu pai exigia que representasse estórias e cenas teatrais e, passou a sentir a vida como um palco permanente para a devoção religiosa. O contato profundo do sentimento religioso acompanhou quase em toda sua vida até se ingressar no curso de teologia na Universidade de Copenhague.

* Acadêmico da Faculdade Palotina-FAPAS. 6º semestre. E-mail: celsotsambito@yahoo.com.br

¹ Movimento da renovação da fé cristã que surgiu na igreja luterana alemã que surgiu no séc. XVII, defendendo a primazia do sentimento e do misticismo da experiência religiosa em detrimento da teologia racional.

Sören Aabye Kierkegaard é considerado como primeiro representante da filosofia existencialista. Em quase todo discurso de Kierkegaard busca-se compreender a realidade existencial e da relação do indivíduo com a sua existência. Ele apresenta o indivíduo a partir da sua própria experiência. Porém, o indivíduo deve ter a responsabilidade diante do existir à medida que existe e quando se manifesta. Kierkegaard traz fatos que marcaram e revelaram com seriedade o drama de toda sua vida. Ele exigiu que não se procura a fé e a verdade pelo abandono do humano, mas sim a fé é uma conquista própria.

O existir é o que diferencia o homem de outros seres no mundo porque ele é que comanda “espetáculo” dos restantes e também de Deus porque é o começo e o fim. Existir significa aquilo que é instante, portanto, quem nada é instante, não existe. Independentemente de o homem se esquecer sempre, mas ele existe.

Quando se fala do existencialismo, o que se ouça é a palavra existência, em que, com o aumento do ‘ismo’ passar a significar doutrina. Porém, pode também designar-se filosofia da existência. A existência significa sair: sair de um domínio, de um esconderijo e por fim, poder mostrar-se. Logo, a existência não é algo pronto ou substância, ou seja, ela é algo singular, um processo. Cada indivíduo singular deveria buscar o seu ‘eu’, como ele afirmava que o silêncio:

É nitidamente proveitoso para mim porque me obriga a fixar a vista no meu eu; porque me estimula a aprender esse eu que é o meu; porque me obriga a manter na infinita instabilidade da vida e a voltar para mim o espelho côncavo com que dantes procurava abarcar a vida fora de mim mesmo (KIERKEGAARD, 1979, p. 13).

Esse silêncio referido pelo Kierkegaard é onde ele busca o sentido da sua existência, porém, nunca deixou de interrogar-se e de analisar a si próprio, porque a filosofia resume-se em tomar a consciência das exigências absolutas feitas a qualquer pessoa que quer viver uma existência autêntica verdadeira.

Para Kierkegaard, a razão não pode tratar sobre a existência humana porque a existência é algo individual e não mediatizado. Ser indivíduo é permanecer fora de toda e qualquer sistematização. Para Hegel o homem só se realiza expressando-se no universal, no estado que é o “espírito racional”, isto é, o estado é responsável pela liberdade do indivíduo. Pode agir em nome do estado e daí o indivíduo recupera sua individualidade. Para Hegel o sujeito é a partir do momento em que a individualidade é sintetizada pela universalidade, ou seja, quando o eu imediato do indivíduo é dissolvido no eu universal, isto é, o indivíduo perde aquilo que ele é, a sua individualidade. No ato de existir, o indivíduo coloca uma marca

pessoal nessa relação com o geral (REVISTA PANDORA BRASIL, Nº 23, outubro de 2010). Isto pode ser visto na filosofia de Hegel que diz:

A personalidade não é abstraída, o indivíduo não anula a sua existência na sua generalidade de multidão, ou seja, o homem atinge a sua completude realizando-se a si próprio, existindo na multidão, isto é, o homem não precisa ser responsável por si mesmo, ele não precisa das suas convicções, pois a razão exige apenas a universal e isso significa neutralidade (JASSON, 2010, p. 92).

Kierkegaard traz uma distinção na história do indivíduo, ao qual, uma é a existência pela exterioridade e a outra pela interioridade. Para Jasson, “o indivíduo que age visando temporalidade é o indivíduo que tem carência do infinito. Incapaz de arriscar, ele se agarra no mundo cômodo das convicções” (2008, p. 95). Entretanto, quem assume a existência como tarefa vive inquieto e sente-se deslocado no mundo, logo goza da serenidade. Não pode se tratar de voltar à existência para as convicções, mas para a serenidade consigo mesmo ou a responsabilidade pela tarefa de ser si mesmo.

Para Kierkegaard, o papel do saber filosófico é ousarmos ser nós próprios, ousarmos ser um indivíduo, não um qualquer, mas este que somos. Ele mostra que o projeto não visaria satisfazer a curiosidade humana, mas mostrar o único caminho da salvação ou edificação humana. O caminho da salvação que o autor se refere é o de descoberta de cada um, e deve fazer de si próprio, esse caminho pretende nos salvar da doença do desespero que acontece para todos, sem exceção.

O que é o desespero? De onde vem? Entretanto, há uma infinita vantagem desesperar, visto que, o desespero não é só a pior das misérias como a nossa perdição, mas é uma relação do possível com o real porque quando nos colocamos diante da possibilidade, estamos entre duas facetas de vida: uma é do desejo, isto é, você deseja e ainda pode vir a ser o que deseja, e a outra é da própria realidade já alcançada. Volto a falar sobre a pergunta, o que é o desespero? Segundo Kierkegaard: “o desespero é a discordância interna de uma síntese cuja a relação diz respeito a si mesmo. Um desesperado pode significar a destruição da possibilidade de o estar” (1952, p. 38).

Esse desespero está sempre em nós e, se não fossemos uma síntese referida acima, não poderíamos desesperar, se essa relação não tivéssemos recebido de Deus ao nascer. Na segunda questão é que o desespero vem da relação que a síntese estabelece consigo mesmo, porém, Deus faz com que o homem fosse essa relação, como é que o deixa escapar da sua mão? Essa relação é o espírito, o eu e nela aparece a responsabilidade da qual depende todo o desespero.

Na obra *O Desespero Humano*, Kierkegaard diz que, o desespero é a doença mortal: o desespero é “a doença e não o remédio” e para ele “morrer para o mundo é o remédio” (1952, p.41). Para ele pode-se compreender que, todos nós somos desesperados, e o único remédio para tal é morrer para o mundo. Logo, enquanto desesperados, nós morremos aos poucos.

Vivemos no desespero justamente na medida em que buscamos aplacar esse desespero para fora, porque o mundo sempre nos traz novidades. Além disso, quando seguimos esse movimento para fora, aprofundamo-nos somente no mesmo desespero e, que a saída é morrer para o mundo porque tudo aquilo que colabora com o desespero é ordinário, isto é, aos olhos do cristão, nada é uma doença mortal.

Mas o que é a morte para o cristão? Para quem não é cristão a morte é o fim de tudo, a expressão popular revela isso: enquanto há vida, existe esperança. A morte do cristão seria uma espécie de desfazer-se das requisições ordinárias que nos separam de nós mesmos, ou seja, mesmo para o cristão, a morte é o fim de tudo, mas o que fica é a esperança pós a morte que é a vida eterna. Entretanto, cristão é o único que conhece a doença mortal e a lição dele é aprendida pelo sofrimento.

Para Kierkegaard, o que constitui o ser cristão que pode ser salvo da doença mortal é seguir o exemplo de Cristo, isto é, suportar a angústia e o próprio desespero por toda vida até a morte física. Contudo,

Consta que o desespero é a doença mortal, esse suplício contraditório, essa enfermidade do eu: eternamente morrer, morrer sem, todavia, morrer, morrer a morte. Porque a morte significa que tudo está acabado, mas morrer a morte significa viver a sua morte, é vive-la eternamente (KIERKEGARRD, 1952, p. 42).

Portanto, desesperar de si mesmo é tentar se libertar de si próprio porque todo homem possui o desejo sempre de libertar-se do seu eu para se tornar um eu da sua própria invenção. O referido desespero é a enfermidade do eu que é a doença mortal. Nessa individualidade, passaremos analisar os aspectos ou atos que envolve a singularidade do indivíduo para o geral. Não é tão fácil tratar a questão do indivíduo na moralidade para a questão teológica.

1 Os atos individuais podem ser suspensos pela moralidade teológica?

Ao tratar o tema da moralidade, tenho me perguntado a mim mesmo, em que medida, um indivíduo diante do sofrimento, ou seja, no meio de uma ação moral deve usar a fé?

Entretanto, não tem sido fácil dar a resposta porque tudo pode depender do estado de vida (do sofrimento como se apresenta e da nossa ação) em que nos encontramos ou pertencemos.

Quando se diz moral, já dá para termos ideia de que, se trata do geral, ou seja, aplicável a todos. O indivíduo é o indivíduo enquanto tiver o seu *telos* (dentro) no geral, logo, a tarefa da moral é manifestar-se de uma forma constante, em roubar o seu carácter individual para alcançar o geral. Neste aspecto, o indivíduo que deixa a sua individualidade frente ao geral, não pode estabelecer-se com ele se não tentar buscá-lo. Para Kierkegaard “de cada vez que o indivíduo, depois de ter entrado no geral, se sente inclinado a reivindicar a sua individualidade, entra numa crise da qual só poderá libertar-se pela via do arrependimento e abandonando-se, como indivíduo, no geral” (1979, p. 239).

Portanto, pode ser visto que, a moralidade participa e é o supremo caminho que leva o homem a ter uma vida eterna se seguir pelo caminho do bem. Diante dos atos morais, quando o indivíduo não atinge o geral e só permanecer na sua individualidade, ele peca ou entra em crise. Então, o que seria esse pecado? Postula-se que o pecado é precedido pelo pecado e não existe em nenhum lugar o conceito dele, tanto na parte da humanidade assim como na ciência. Como Iuri concebe que, a entrada do primeiro pecado ao mundo com Adão: “O pecado entra no mundo através de um salto qualitativo. Através do primeiro pecado, o indivíduo entra na pecaminosidade, assim foi com adão e assim é com cada indivíduo posterior” (2008, p.113).

Contudo, a partir do estado em que o indivíduo tem consciência de si mesmo, que ele consegue discernir entre o bem e o mal, ele faz o salto qualitativo, isto é, no estado do desconhecimento passa para o conhecimento. Enquanto o homem vive no pecado, essa causa angústia que se espelha no lugar onde o ser humano vive e como se relaciona. Iuri traz uma distinção da angústia: “a angústia subjetiva que se relaciona ao indivíduo, como consequência de seu pecado, e se refere àquela que está no estado da inocência e a angústia objetiva é o reflexo da pecaminosidade da espécie humana na criação inteira” (2008, p. 116). O ser humano aprende daquilo que é pecado a partir do estado onde tem o conhecimento do bem e do mal.

Contudo, apesar de ter abandonado um pouco do tema, vamos agora analisar a questão de Abraão considerado o pai da fé. Existe paradoxo nas ações de Abraão entre a fé e a moral. Quando recebe o anúncio de Deus para sacrificar o filho, mostra uma clara obediência a Deus. Porém, quando são questões relacionadas a fé, parece-me difícil de explicar porque exige saber do que se representa. Ora a história de Abraão leva-nos a suspender a teologia da moral

porque a fé o coloca na individualidade primeiro e depois ao geral, ou seja, o indivíduo está acima do geral. Como diz Kierkegaard:

[...], duvido muito que se encontre uma e a única analogia na história universal, excetuando um caso ulterior que nada prova, quando se estabeleceu que Abraão representa pai da fé, ... esse paradoxo escapa da mediação; se Abraão a tenta, é-lhe necessário então confessar que se encontra em plena crise religiosa e, nessas condições, não pode vir a sacrificar Isaac; ou se o fizer tornar-lhe então preciso arrepender-se no geral (1979, p. 241-242).

Continuando diz que, Abraão move-se em nome do absurdo porque o absurdo consiste em que o indivíduo está acima do geral. Moralmente tratando a situação de Abraão para com Isaac é: o pai deve amar o seu filho mais do que a si próprio e, Abraão estava por dentro deste grau de amor. Mas como pode ser explicado moralmente essa conduta de Abraão? Parece-me meio complicado dentro da religiosidade tentar explicar esta situação porque ele, ou cumpre a obediência a Deus ou cumpre o dever com a humanidade, neste caso, dentro da conduta moral.

Ora vejamos só como Kierkegaard coloca em detalhes: “por meio do seu ato ultrapassou todo o estádio moral; tem para além disso um *telos* perante o qual suspende esse estádio, ... em que essa conduta é assunto estritamente privado, estranho ao geral, ou seja, a ação dele está ligada à virtude pessoal” (1979, p. 244).

Se Abraão é pai de fé de toda humanidade, a ação dele poderia ser considerada virtuoso moralmente? E, se não é, por que queria exterminar o filho mais amado? Será que teve uma prova do anúncio? Se formos analisar em detalhes, podemos notar que foi por amor de Deus e pelo amor de si próprio. A situação de Abraão é esta: “Por amor de Deus porque este exige essa prova de fé; e por amor de si mesmo para dar a prova” (KIERKEGAARG, 1979, p. 245). Logo, essa ação seria particular e não abrange o geral porque ele não poderia falar a ninguém e, se o ato moral ele não deveria fazê-lo, ou por outro, talvez se dissesse foi uma tentação. Mas isso seria desviar-se de si mesmo do seu dever. Então, o que seria o dever?

Talvez poderia dar uma visão do dever em si porque pode-se, no entanto, dizer que, o dever se refere à Deus, quando se sucede que o dever é de amar o próximo: “é dever, na medida em que este amor está referido a Deus; no entanto, no dever, não entro em relação com ele, mas com o próximo que amo” (KIERKEGAARG, 1979, p. 253).

É necessário que o indivíduo mantenha a sua relação com o geral tomando como referência o absoluto para com Deus. Quando se diz é um dever amar a Deus se refere um dever absoluto que nada resta e tudo pode fazê-lo em nome Dele e automaticamente a moral

encontra-se rebaixada ao relativo. Abraão acreditou (no absurdo, porque consiste em que Deus pedindo-lhe o sacrifício, devia ter anulado a sua exigência), visto que, pode dizer que a tal fé não existe na vida humana porque seria crise ao sacrificar o filho, isso seria absurdo porque não faz parte do humano.

Existe dois termos importantes que expressam a relação do pai com o filho, são eles: *Innere e Aeussere*. Portanto, a criança pertence à *Innere* onde é determinada pelo exterior e pai seria *Aeussere* que determina o interior, isto é, ele é capaz de fazer tudo o que quer ao filho. Nessa história de Abraão, ele age nas condições de uma missão que lhe foi confiada.

Cabe, portanto, a ele no momento da decisão que deveria ter feito na hora, ou tomar o ato particular que seria considerado “assassino”, ou agir no geral de uma forma moral. Porém, ele se encontrava num dilema, ora agindo pela obediência a Deus, ora agindo de uma forma moral, isto é, em prol da humanidade que é o geral.

Segundo Jasson, a atitude Abraão é difícil de ser compreendido e muito menos de ser explicado. Porém, o limite de compreensão exigirá um salto na fé, a única forma de superar a racionalidade. Ele transcende a normalidade ética e nisso vai exigir nele uma suspensão teológica, pois, acontece que, ele recebeu uma ordem divina e, o sacrifício estabelecerá um dever moral e dever religioso.

De como nós sabemos, matar é um ato não permitido, contudo, para o crente, desrespeitar Deus é cometer um pecado, afirma Jasson: “além de ser responsável pela morte do filho, Abraão será julgado como criminoso perante aos homens, mas ao constatar-se que é uma ordem divina, Abraão não pode ser culpado, pois, age em nome de Deus” (2010, p. 99)

Diante dessa prova, Abraão vê uma contrariedade diferente da moral porque matar o filho é eticamente, cometer um mal. E, se ele mata o filho, não seria ele mesmo, mas encontra-se no estado religioso, porém, a sua decisão é de uma individualista, de si mesmo. Nesse ato egoísta, ele nega a ética em nome da sua fé. Podemos notar que, ele não pode ser julgado pela moral, pois, age em nome de Deus.

A seriedade é o compromisso que o homem tem diante da existência e, o indivíduo que carece a certeza de si mesmo, não é sério, isto é, não leva a sério a sua própria existência. Acontece que, no ato de Abraão a imanência é justificada pela transcendência. Segundo Kierkegaard, a vida concreta só tem o seu valor quando é mediatizada pelo transcendente. Um bom indivíduo é aquele que luta até o final das suas forças para a formação da sua individualidade. Se diz indivíduo quando possui conhecimento de si, saber os seus limites e realizar a própria existência.

Conclusão

Ao desenvolver este artigo, foi perceptível que, no pensamento de Sören Kierkegaard, foi um dos primeiros representantes da filosofia existencialista. Entretanto, buscou compreender a realidade da existência humana. Mas, ele partiu da própria experiência da vida que ele viveu dentro da família, o compromisso e o rompimento do noivado, nas atividades dele como escritor e, isso mostrou para ele uma experiência terrível. Por isso, buscou entender o indivíduo é na sua singularidade antes de estar envolvido no geral.

Ser indivíduo é permanecer fora de toda e qualquer sistematização e não depender de qualquer outra coisa. Visto que, quem assume a existência como tarefa vive inquieto e sente-se deslocado no mundo, logo goza da serenidade. Não pode se tratar de voltar à existência para as convicções, mas para a serenidade consigo mesmo ou a responsabilidade pela tarefa de ser si mesmo. Para isso, é necessário buscar o papel filosófico que mostra o melhor caminho de sermos nós mesmos. Porque um indivíduo não se encontra consigo mesmo, entra em desespero que consiste em conflito consigo mesmo e desespero em que a pessoas é colocada em possibilidades das escolhas.

Enfim, o indivíduo que age segundo a ordem divina, deve ser julgado pelo divino, isto mostra o exemplo de Abraão que recebeu o anúncio para sacrificar o filho. Porém, ele agiu pela obediência ao divino e não pode ser julgado pela lei moral, porque seria considerado um criminoso. Isto porque Abraão saiu da sua individualidade para agir no contexto geral da lei.

Referências

BEAUFRET, Jean. **Introdução às filosofias de existência:** de Kierkegaard a Heidegger. Tradução e notas de Salma Tamnuss Muchail. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

KEIRKEGAARD, Sören Aabye. 1813-1855. **Diário do sedutor; Temor e tremor; Desespero humano;** traduções de Carlos Grife, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. **O Desespero humano.** Doença até à morte.

MARTINS, Jasson da Silva. **Kierkegaard e Hegel:** ou o Indivíduo contra a Corporação. Revista Pandora Brasil – Número 23, p. 90-101, Outubro de 2010.

REBLIN, Iuri Andréas. A Angústia Kierkegaardiana. **Revista eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisas do Protestantismo (NEPP)** da Escola Superior de Teologia. Volume 16, maio-ago. de 2008.